



**NARRATIVA BIOGRÁFICA** fronteiriça

**NARRATIVA BIOGRÁFICA** fronteriza

**BIOGRAPHICAL BORDER** narrative

**Edgar César Nolasco<sup>1</sup> & Tiago Osiro Linhar<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho propõe abordar o narcotráfico pelo viés da crítica biográfica fronteiriça e da opção descolonial. Partindo de experiências pessoais e sem abandonar meu lócus enunciativo, abordarei perspectivas que subvertem os preceitos fundados na razão ocidental e universalizante. Para tanto, ilustro a discussão com fragmentos da obra pertencente a *narcoliteratura* intitulada *Trabajos del reino*; publicada no ano de 2004 pelo escritor mexicano Yuri Herrera. A relevância da pesquisa consiste em buscar novas perspectivas para lidar com um tema ainda pouco explorado pelo meio acadêmico brasileiro. O que está em pauta, no entanto, não é tratar o narcotráfico como um problema social reduzido – pura e simplesmente – à violência e a criminalidade. Antes, o que proponho aqui, é um esforço para compreendê-lo como uma manifestação cultural e também como uma forma que sujeitos fronteiriços encontraram para reconfigurar a herança deixada pela colonialidade do poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narcoliteratura; Narcotráfico; Fronteira.

---

<sup>1</sup> Edgar César Nolasco é professor da UFMS e Coordenador do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – CNPq/UFMS e Pesquisador-visitante e Associado do PACC-UFRJ. [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br).

<sup>2</sup> Tiago Osiro Linhar É Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. [tiagooliar@hotmail.com](mailto:tiagooliar@hotmail.com).

**RESUMEN:** El presente trabajo propone abordar el narcotráfico por el sesgo de la crítica biográfica fronteriza y de la opción decolonial. A partir de experiencias personales y sin abandonar mi locus enunciativo, abordaré perspectivas que subvierten los preceptos fundados en la razón occidental y universalizante. Para ello, ilustro la discusión con fragmentos de la obra perteneciente a *narcoliteratura* titulada *Trabajos del reino*; publicada en el año 2004 por el escritor mexicano Yuri Herrera. La relevancia de la investigación consiste en buscar nuevas perspectivas para lidiar con un tema aún poco explorado por el medio académico brasileño. Lo que está en pauta, sin embargo, no es tratar al narcotráfico como un problema social reducido - pura y simplemente - a la violencia y la criminalidad. Antes, lo que propongo aquí, es un esfuerzo para comprenderlo como una manifestación cultural y también como una forma que sujetos fronterizos han encontrado para reconfigurar la herencia dejada por la colonialidad del poder.

**PALABRAS CLAVE:** Narcoliteratura; Tráfico de drogas; Frontera.

**ABSTRACT:** The present work proposes to approach the drug trafficking by the bias of the biographical criticism frontier and the decolonial option. Starting from personal experiences and without abandoning my enunciative locus, I will approach perspectives that subvert the precepts founded on the western and universalizing reason. For that, I illustrate the discussion with fragments of the work belonging to *narcoliteratura* entitled *Trabajos del reino*; published in the year 2004 by the Mexican writer Yuri Herrera. The relevance of the research is to seek new perspectives to deal with a topic still little explored by the Brazilian academic environment. What is at stake, however, is not treating drug trafficking as a social problem reduced - pure and simple - to violence and crime. Rather, what I propose here is an effort to understand it as a cultural manifestation and also as a way frontier subjects have found to reconfigure the heritage left by the coloniality of power.

**KEYWORDS:** Narcoliteratura; Drug trafficking; Border.

Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas. (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Essas paisagens do lugar por mim vividas, e que, de alguma forma, hospedaram-me e foram hospedadas por mim enquanto sujeito do lugar, sinalizam traços de memórias esquecidas da zona de fronteira que demandam uma exumação delas por meio de uma perspectiva crítica subalterna [...] (NOLASCO, 2013, p. 68).

Minha escrita é minha inquietação, antes de mais nada, mexe com um demônio que me tormenta e incomoda constantemente. Para expurgá-lo, no entanto, lanço mão de recursos cabíveis a mim, assim, trago a luz da escrita o meu *bios*. Uma inscrição que se dá a partir mim, ou seja, de uma parte do mundo que sempre foi um “eu” soterrado, o qual entra em trabalho de “escavação”, na história e na memória, e que aos poucos ganha proporções de um “suporte”. E quando digo eu, me refiro a toda paisagem que me circunda e me constitui. Um eu que traz impresso na pele e no corpo (suporte), múltiplas histórias locais. Portanto este “eu” não deixa de ser América do Sul; Brasil; Mato Grosso do Sul; enfim Sidrolândia. Onde eu existo, e que, em certa medida, deixa de existir para o resto do mundo.

Ao resgatar o meu ser, tirá-lo da condição de invisibilidade – coisa que só eu posso fazer e através da escrita –, sinto o peso da responsabilidade a qual implica em impedir que minha confortável existência continue consumindo-se lentamente esquecida à sombra da razão ocidental. Para uma maior eficácia, vasculho espaços *pluriversais* os quais me fragmentam e me conglomeram nesta escrita biográfica. Leonor Arfuch, neste sentido afirma que:

A acumulação heteróclita da memória, própria ou alheia, revela na *escrita* do auto/biografo – iluminando cenas, momentos, impressões, com sua correlata tendência aos esquecimentos, silêncios, repressões – tem seu paralelo com o arquivo, em que os rastros são frequentemente fragmentários e a parte somente adquire sentido frente a uma totalidade hipotética, ainda que inalcançável. (ARFUCH, 2009, p. 374).

Contudo, empreendo uma busca por esse espaço fragmentado e perdido, busca a qual se dá por meio de minha escrita que, por sua vez, fora impulsionada pela leitura da narrativa ficcional de Yuri Herrera. Portanto, desprende algo que está em comum acordo com a “acumulação heteróclita da memória”, e assim desvela-se no Palácio de *Trabajos del reino*<sup>3</sup> o paralelo que Arfuch na esteira de Derrida chama de *arquivo*. Ainda que o arquivo não represente a memória, ao contrário “o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada

---

<sup>3</sup> *Trabajos del reino* é uma obra pertencente a narcoliteratura, publicada em 2004 pelo escritor mexicano Yuri Herrera.

memória” (DERRIDA, 2001, p. 22). Nesta falta, porém, se aloca o Palácio<sup>4</sup>. Se o “Arkê designa começo e o comando”, princípio da lei e da ordem, o palácio, que tomo como a amplificação de todas as minhas moradas, subverte este princípio nomológico e figura-me como a instituição da ilegalidade.

É, todavia, no Palácio de *Trabajos del reino*, que encontro este espaço arquivado. E o desarquivo. Reconstituindo os fragmentos que me conglomeram em totalidade memorialística. No palácio, encontro “indígenas e negros”, mas antes, a ilegalidade, que configurada nas dimensões espaciais deste lugar, converte-se em lei, uma lei que se acomoda dentro da ilegalidade. Se para Derrida a casa é a morada da lei e da ordem – e isto remete a minha primeira morada –, o Palácio em contrapartida, abriga a ilegalidade. E ali encontro o “eu” que fora reprimido, este que se esvai da memória, e encontra-se na falta dela, ou seja, no palácio, em meu espaço arquivado.

Neste processo que assume um caráter arqueológico, o qual Jacques Derrida o compreenderia como um processo de escavação. Assim como em todas as outras escavações; surtem poeira, a qual evoca-me reminiscências. Acima de tudo seu cheiro e sua cor marrom, que me imprime na pele à moda de uma inscrição, um exergo, uma marca. Esta imagem comunga com outra não menos eloquente, a qual distingo nas páginas de *Trabajos del reino* “Polvo y sol. Silencio. Una casa endeble [...]” (HERRERA, 2010, p.15); e desse modo harmoniza-se com todas as outras imagens as quais compõem a paisagem fronteiriça.

A começar por esta cor marrom poeira que reluz em minha memória ao modo de verniz sobre a madeira, e em mim preserva um tempo que é espaço, pele, chão, fronteira e por que não, cheiro. Minha reminiscência está na poeira, não apenas na cor, mas também em seu odor. Esse sentido que me é caro e com frequência recobra minha memória, remontando os idos pueris; qual Proust ao saborear uma Madeleine após mergulhá-la em uma infusão de chá de tília. Porém aqui, trata-se de poeira, esta, que se torna mais odorífera quando forçada por uma chuva de verão, estende-se lamacenta para fazer bordas avermelhadas que, por sua vez, conjugam no chão a “cor sanguinolenta do sol” ocidentalmente (im)pondo-se num fim de tarde. Por estas bandas, a chuva calma apazigua o

---

<sup>4</sup> Lugar onde se dá a maior parte da trama de *Trabajos del reino*, espaço que alegoriza um cartel do narcotráfico.

mormaço de outros dias, e tonaliza a cor marrom que, ao passo do ocaso, converte-se lentamente em total escuridão, lisa e perigosa, a qual anula nossos povos. Dessa escuridão, escorregadia e perigosa, emergem homens que, movidos por uma resistência inumana, escapam como enguias-do-pântano a uma invisibilidade e esquecimento que os atribuem o poder estatal. Assim, parafraseando Edgar Cézair Nolasco, na calada da noite estes homens embrenham-se pelas rotas clandestinas dos traficantes.

A dignidade humana advinda do tráfico de drogas, vista como uma forma de driblar o sistema a ponto de inverter a lógica da *colonialidade do poder*, é tema pertinente na novela *Trabajos del reino*. Ao apresentar-nos seu protagonista – um compositor marginalizado, que só ganha visibilidade através do narcotráfico; mancomunando, assim, por consequência histórica, os mesmos problemas dos homens desta região – o autor inicia com as seguintes palavras: “Polvo y sol. Silencio”. Poeira e sol, desde aqui remete a metáfora que para mim melhor representa a paisagem a qual habito.

Nasci e cresci em uma zona fronteira e é a partir desse lócus que erijo meu discurso. Por isso, privilegio as diversas *histórias locais* que me encontro arraigado. E a partir delas me distancio, conseqüentemente, de uma verdade única, imposta pelo ideal hegemônico do *universalismo abstrato*, que contempla o euro-centrismo e anula todas as outras histórias e formas de conhecimento produzidos em lugares “outros”. Para Ramón Grosfoguel, o *universalismo abstrato* está inserido no Cogito Cartesiano do “penso logo existo”. Condição essa de pensamento que, segundo Grosfoguel, torna-se explícito em Kant e, sob a insígnia de “razão transcendental” exclui todas as outras possibilidades intelectuais, creditando a capacidade de raciocínio, ou da razão, apenas ao homem branco e ocidental. Na compreensão de Aimé Césaire:

O euro-centrismo se perdeu pela via de um universalismo descarnado, que dissolve todo o particular no universal [...] o universalismo abstrato é aquele que desde um particularismo hegemônico pretende erigir-se em projeto global imperial para todo o mundo, e que ao representar-se como “descarnado” esconde a localização epistêmica de seu lócus de enunciação na geopolítica e a corpo-política do conhecimento. (CÉSAIRE Apud GROSGOUEL, 2007, p. 71).

Ou seja, Césaire traz a luz uma condição emanada do “universalismo abstrato” que distingue o pensamento do corpo. Porém o filósofo da ilha Martinica nos propõe, como um processo de “descolonização,” o *universalismo concreto*, que segundo ele; é o “depositário de todos os particulares” (CÉSAIRE

Apud GROSFOGUEL. 2007, p. 72). Estes particulares, no entanto, provem de histórias múltiplas e abrigam um diálogo horizontal, abolindo a ideia de uma epistemologia única (uni-versal), abstrata e vertical. Sendo assim, acaba por promover a ideia da *corpo-política* e sua *pluriversalidade*.

Para Aníbal Quijano, corpo e alma, foram separados pelo pensamento cristão e ganha outra conotação através do “novo dualismo”, que teve início com a teorização de Descartes e perdura até a Segunda Guerra Mundial. No entanto, é da secularização trazida pelo pensamento Cartesiano que corpo e alma se “converte numa radical separação entre razão/sujeito e corpo” (QUIJANO, 2005, p. 107). Por isso, o que se entendia por alma é tido como razão. E o corpo ao aproximar-se da natureza, é tomado como objeto de estudo. Sendo assim, para o pensamento Ocidental, as raças: negros, índios, oliváceos e amarelos; estão mais próximas da natureza e entendidas apenas como corpo, incapazes de raciocinar.

A partir da perspectiva de Nolasco, os corpos podem ser anulados sob o crepúsculo que encobre o extremo Ocidente, ou seja, o autor refere-se aos corpos que se tornam invisíveis na linha da fronteira. Consequentemente, são corpos como estes que povoam a obra *Trabajos del reino*, os quais Ramón Geronimo Olivera refere-se da seguinte forma:

Ao nomear o corpo se transforma em “símbolo”. O nome é presença do corpo ausente. O nomeado marca presença sem a necessidade de estar no lugar dos acontecimentos; na novela de Herrera os nomes não são marcas que inscrevem uma biografia, mas sim, resenham um ofício: El Artista, El Rey, La Cualquiera, El Joyero [ ] o corpo dos personagens de *Trabajos del reino* é apenas evanescente, aparece sugerido; Yuri não cai na tentação realista da descrição algumas vezes tortuosa pelo insubstancial e impostado. (OLIVERA, 2013, p. 152).

Entretanto, estes corpos inconsistentes, carentes de descrição; de uma inscrição; e de uma biografia; como sugere a nota acima, simbolizam talvez a forma como o Ocidente constrói, calcado em um “universalismo abstrato”, a ideia de corpo separado da razão. Em outras palavras, os corpos que Herrera opta por não nomear são, para o pensamento hegemônico, improdutivos epistemologicamente, apenas habitam à margem e causam problemas a uma suposta ordem estabelecida. Em noticiários isto é bastante recorrente; como por exemplo a seguinte notícia veiculada pelo jornal o Estadão em junho de 2013: “Polícia Federal prende narcotraficante colombiano no Rio” a função do detento, precede ou anula seu nome. Porém estes corpos identificados por suas funções,

são os que constituem uma nova hierarquia que se manifesta a partir da exterioridade do sistema mundial colonial/moderno.

Tornar, portanto, o corpo como indissociável da razão, é propor que todas as raças – não única e exclusivamente a raça branca (anglo saxônica ou ariana) como induz o pensamento ocidental – possam produzir epistemologias. Partindo dessa perspectiva, debruço-me ao pensamento que Grosfoguel remete a uma *diversidade epistêmica*, a qual Walter Mignolo cunhou como *pluriversalidade* e que, por conseguinte, a define como “muito diferente do que temos por um pensamento ‘universal abstrato’” que favorece – e está inserido ao que Mignolo chama de “política de identidade” – unicamente indivíduos brancos, do sexo masculino, heterossexuais e ocidentais.

Neste sentido estou submerso a uma pluriversalidade, a qual me condiciona a receber e produzir pensamentos. Ou seja, “tomo a palavra crítica” a partir de um ambiente onde tantos outros corpos existentes trazem em si “memórias culturais” diversas, onde meu corpo pensante é constituído por distintos saberes de culturas “outras”, a ponto de legitimar-me uma “consciência mestiça”, para fazer menção ao conceito do filósofo argentino descendente de alemães Gunther Rodolfo Kusch. Entretanto, ao contrário de Kusch, no meu caso, posso incluir a miscigenação biológica e sanguínea, já que descendo da mistura de mais de uma raça. Porém a teorização de “ser” e “estar” articulada pelo filósofo, me é também pertinente com relação a identificação que pude ter ao ser inserido entre os povos Terena. Todavia, antes de tal inserção social, estes povos me foram moldados através da ótica produzida por minha família. No âmbito familiar ao qual sou proveniente, os Terena eram identificados por termos pejorativos como por exemplo “bugrada”. O ódio que se instaurara em minha família pelo lado de minha avó materna, teve origem a partir de uma questão territorial, pois meu bisavô chegara do estado de Minas Gerais para dedicar-se a agricultura nessa região, e suas terras faziam “fronteira” com uma aldeia Terena (Buriti), numa área conhecida como “barro preto” a meio caminho entre a cidade de Sidrôlandia e o distrito do Quebra-Coco.

Por consequência do acaso fui matriculado (nas séries iniciais) em uma escola onde os alunos, em sua grande maioria, eram pertencentes aos povos Terena. Até então o conhecimento que possuía a respeito destes povos resumia-se ao termo “bugrada”. Portanto, em um primeiro contato tomei-os – tutelado por uma espécie de “universalismo abstrato” – como diferentes de mim e até mesmo

como inferiores. Dentro dessa hierarquia que eu próprio estabelecera, o determinante era a cor marrom que possuíam e que resumia a todas as nossas diferenças. Assim, passei a alimentar em minha imaginação a ideia de que meus novos colegas eram constituídos de poeira e que, ao roçarmos nossas peles, uma contra a outra, eu poderia me sujar. Logo passei a acreditar que exalavam um cheiro diferente, e ao relacioná-lo com a cor, decidi que o cheiro que seus corpos expeliam, era o forte cheiro da poeira. Após superar estes primeiros momentos, conturbados eu diria, pude dissolver-me melhor entre eles. E aqueles cheiros tornaram-me mais agradáveis com o tempo; de pronto, pareceram exalar o cheiro de terra molhada. Assim os evoco ainda hoje, em todo o fim de tarde chuvosa, como uma memória involuntária que me constitui a seguinte paisagem: a cor marrom poeira, transformando-se em “barro preto” (referência a região que eu pouco conhecera), e a poças d’água imitando sangue em um chão escorregadio e perigoso.

Na novela de Herrera o sangue ganha um sentido que, ao contrário de outras narrativas sobre o narcotráfico, não está relacionado a violência. Olivera afirma que “em *Trabajos del reino* estamos diante de outra conotação do sangue: a realeza da margem” (OLIVERA. 2013, p. 152). Desse modo podemos observar a partir do parágrafo que abre o livro:

“Él sabía de sangre y vio que la suya era distinta. Se notaba en el modo en que el hombre llenaba el espacio, sin emergencia y con un aire de saberlo todo, como si estuviera hecho de hilos más finos. Otra sangre.” (HERRERA, 2010, p. 9).<sup>5</sup>

É, portanto, essa imagem do sangue superior (o do narcotraficante no caso) que está em evidência na trama. Um modelo de hierarquia herdado da *colonialidade do poder* e consolidado pelo “universalismo abstrato”. Porém, a hierarquia que se define dentro do âmbito do narcotráfico não é “racializada”, pelo contrário, possibilita uma ascensão social às raças esquecidas no contexto do mundo oficial. Por outro lado, o sangue com a finalidade de designar diferenças biológicas, é algo determinante na constituição hierárquica e racial do pensamento Ocidental. Aníbal Quijano, através dessa premissa, emite o seu conceito de *racialização*, o qual defende em sua concepção, que a ideia de raça teve origem na

<sup>5</sup> Ele entendia de sangue e viu que o seu era diferente. Se notava no modo em que o homem preenchia o espaço, sem emergência e com um ar de saber tudo, como si estivesse feito de fios mais finos. Outro sangue. (Tradução minha).



América. Pois segundo o autor é a partir do continente Americano que se forma identidades sociais novas como índios, negros e mestiços. Sendo assim para Quijano:

[...] na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial [...]. (QUIJANO, 2005, p. 107).

Enfim, a partir do surgimento da América instaura-se hierarquias que definem ou distinguem o ser humano por sua raça, com base nas três acima citadas. Todavia, Quijano pouco menciona sobre a raça amarela. Apesar de chegarem tardiamente ao continente, os japoneses, por exemplo, são bastante representativos no país do sociólogo. Ainda assim, o autor peruano não deixa de fazer alusão à raça oriental, e por consequência a japonesa, ao refletir acerca da forma cujo Ocidente classificou o Oriente como o Outro, o diferente. Assim dividindo o mundo em Ocidente e Oriente, o restante seriam raças menores, insignificantes, as que emergiram por exemplo a partir da América. Nas palavras do autor:

[...] a única categoria com a devida honra de ser reconhecida como o Outro da Europa ou Ocidente, foi o Oriente. Não os índios da América, tampouco os negros da África. Estes eram simplesmente primitivos. (QUIJANO, 2005, p.110).

Entretanto, me é caro incluir a raça amarela ao contexto Latino Americano, por dois motivos: o primeiro tem ligação com a origem do narcotráfico; pois é a partir dos chineses e a cultura do consumo de ópio que se inicia as práticas ilícitas no estado de Sinaloa, México. E o outro motivo está relacionado a minha própria origem; descendo, pois, de uma família de imigrantes japoneses. Meu bisavô materno (pai de meu avô), proveniente da região de Okinawa, Japão, chegou ao Brasil para trabalhar no cultivo de café. Meu avô, por sua vez, fora proprietário de uma cerraria e mais tarde de uma marcenaria. As tardes de minha infância na marcenaria de meu avô, é o motivo pelo qual preservo na lembrança o cheiro do verniz sobre a madeira, o qual revitaliza a cor marrom.

Na condição de decasséguis fomos viver no Japão, eu – que na época não contava mais que 11 anos de idade – junto com minha família. Evento que se deu

logo após meu contato com os povos Terena. Portanto, parti do extremo Ocidente de onde o sol se põe e “anula estes povos”; para o extremo Oriente, onde o sol nasce cada vez mais vigoroso para aqueles povos, já recuperados da traumática Segunda Guerra Mundial e propensos a uma mimetização estadunidense. Porém as diferenças não se limitavam ao espetáculo do sol, e tampouco na estranheza da paisagem dos lugares, mas sim na pele. Me senti estigmatizado racialmente; pois entre os amarelos, reluziu minha cor marrom, ainda que modestamente tonalizada. Na escola, por consequência disso, ouvia frequentemente dos colegas as palavras *burajirujin kusai* ou seja, brasileiro fedido, e assim a questão olfativa me surge outra vez. Agora, no entanto, ao contrário, como signo de uma estigmatização a qual reduzia-me a condição de vítima. Estas palavras me fizeram tomar distância de meus colegas nipônicos e abriram caminho para uma aproximação a meu tio. Um sujeito boêmio que frequentava os redutos marginalizados da cidade de Nagoya onde morávamos. Portanto, em uma infância quase tenra, tive acesso ao submundo, perambulávamos eu e meu tio errantes entre bares denominados *sunako*<sup>6</sup>. Assim, pude presenciar jogos clandestinos, prostituição, alcoolismo, comercialização de drogas ilícitas, além de conduzir carros velozes. Qual um entusiasta de Lorde Byron almejaria para si, pude dessa forma, desfrutar de coisas que muitos garotos daquela idade desfrutaram em sonhos. Eventos extraordinários, que eu descrevia aos meus colegas de classe e que se confirmavam nos exames antidoping realizados semanalmente pela escola onde estudava, exames que constavam que eu ingeria substâncias alcoólicas quase todas as semanas. Fato este, que me rendera o respeito da parte de meus colegas, convertendo assim, preconceito em admiração. Porém a essa altura eu já me encontrava submerso na solidão e rejeitava as possíveis companhias que meus colegas se dispunham a me oferecer; como se estivessem eles, tentando reparar um grande equívoco.

Entretanto, uma manifestação interior me inquietava e assim como o protagonista da trama de Herrera: em uma casa “endebledonde nadie cruzaba palabras” me atormentava o “Silencio”. Enfim, como Lobo, de tanto silêncio as palavras me foram acumulando nos lábios e logo nas mãos. E enquanto a vida (Brasil) me era apenas memória, obtive recurso para narrar estas memórias, através de canções; em outras palavras tornei-me um compositor. Portanto a

---

<sup>6</sup> Bares em que se pagam mulheres para acompanhar homens durante bebedeiras.

identificação com o protagonista de *Trabajos del reino* não me é gratuita. Contudo, minha inspiração não era um cartel do narcotráfico. Pois na terra do sol nascente, o que me inspirou fora a terra do sol poente. Assim, uma fagulha incandesceu da comunhão entre o “sol” e o “silêncio”. Todavia, minha primeira canção não passou de algumas linhas. No entanto, exprimia perfeitamente o que me assolava naquele momento: som, silêncio, lembrança e ocaso. Eis que sussurrei: O som que agora sopra em minha mente/ Vem tecendo o que em outrora entoaram cordas/ Ecoa por um silêncio já corrompido/ E traz lembranças que me remetem ao ocaso.

Enfim batizei-a de “Memória” e a partir dessa centelha debutei como compositor. De certo modo, pois, o canto é um mecanismo de se fazer política com o corpo. De se impor ou protestar contra algo que nos atormenta. Amparado por este recurso pude expressar, com grande pesar, o sentimento de abster-me dos prazeres de minha terra natal. Assim, qual Gonçalves Dias, declamei também minha “Canção do exílio”.

Para Olivera: “O canto arranca o corpo de seu estado originário e o converte em palavra; ao verbalizar o desejo faz uma incisão evanescente sobre a carne”. Nesta perspectiva, o corpo que fora separado da alma no cogito cartesiano, transforma-se em palavra e assume uma identidade sedenta de desejo. Em outro contexto histórico – referindo-se ao período da ditadura de Franco – Olivera menciona o canto como uma forma de burlar a opressão, assim o autor diz que: “Um povo afônico canta com a garganta desgarrada. O franquismo indolente clausura seus ouvidos. O canto se converte então em *Memória*, Música e Muro” (OLIVERA, 2013, p.137). Já no contexto do tema que me dispus a desenvolver, detenho-me aos corpos que cantam as memórias do submundo.

Enfim retornei ao Brasil com ímpetos de artista. Além disso, me inquietavam alguns conceitos que me foram incutidos no decorrer da vida até aquele momento. O que me fizera repensar sobre a religião, programas de televisão e até mesmo sobre a escola. Neste período, por consequência de minhas experiências culturais, promovi alguns embates internos que me levaram ao *desvinculamento*<sup>7</sup> com as instituições de ordem hegemônica, pois aos 14 anos

---

<sup>7</sup> Lanço mão aqui do conceito que Walter Mignolo articula em seu artigo “Desobediência epistêmica”.

optei por não ser cristão, por não frequentar a escola, por me abster de programas televisivos e filmes com pretensões colonizadoras. Percebo agora que o que estava sendo feito por mim, ainda que inconscientemente, era um “desvinculamento” dos conceitos ocidentais; em outras palavras, um processo de descolonização.

Ao repelir, pois, o mundo oficial, tive uma grande propensão a inclinar-me às margens, ou de preferir à margem. Portanto, no retorno ao meu país de origem, optei pelas amizades dos meninos de rua. Meninos que roubavam para beber, usavam drogas, e não em raros casos, as comercializavam por intermédio de algum parente vinculado à traficantes. O narcotráfico, nesse sentido, acabou por compor (ainda que indiretamente) parte de minha “memória subalterna”.

Este fenômeno, latino americano por excelência, é indissociável de nossas “memórias subalternas”. Nesse sentido, o ensaísta colombiano Omar Rincón – ao referir-se a nós, os latino americanos – diz que todos temos um pouco de tráfico dentro de nós, e isso para ele:

não significa que sejamos traficantes [...], apenas vivemos em culturas nas quais os modos de pensar, agir, sonhar, expressar e comunicar assumem essa forma: toda lei pode ser comprada, vale tudo para se promover socialmente, a felicidade é agora, o sucesso deve ser demonstrado através do consumo, a lei é boa se funciona para mim, o consumo é o motivador do poder, a religião é boa enquanto protege, a moral é justificativa porque não temos outra opção para estar neste mundo. (RINCÓN, 2013, p.194).

70

Sendo assim, para Rincón, o narcotráfico é um conectivo que liga todos os latino americanos seduzidos pelo imaginário capitalista do consumo, vítimas de uma ininterrupta *colonialidade do poder*. Quase na mesma linha de raciocínio Felipe Gómez Gutiérrez supõem que “a dinâmica do narcotráfico imita ou dá continuidade às relações da colonialidade”. Ainda assim, prefiro pautar-me em uma perspectiva epistemológica descolonial e pensar o narcotráfico como uma “inversão” da lógica estabelecida pela colonialidade do poder, a qual segundo Quijano principiou-se no período colonial quando os produtos internos (café, tabaco, cana de açúcar, cacau) da América abasteciam e movimentavam o mercado europeu, impulsionando o início do capitalismo e da modernidade.

Utilizo o termo *inversão* de uma forma aproximada a qual Walter Mignolo utilizou ao referir-se à revolução teórica zapatista. O autor argentino apropriou-se desta palavra, a fim de sintetizar a expressão “os zapatistas nos devolveram dignidade” (MIGNOLO, 1997, p.8). Porém empregando-a no contexto da

criminalidade e do tráfico de drogas, pretendo sugerir que o narcotráfico “devolveu dignidade” a muitos homens, principalmente os que não possuíam nenhuma perspectiva de ascensão social, aqueles que foram condenados por pertencerem a uma raça “inferior” dentro da escala hierárquica Ocidental. Este raciocínio é perceptível, por exemplo, na seguinte frase de Rincón ao referir-se à narcotraficantes: “No início, era um assunto de pobres feios, com o tempo, de feios e belas, e finalmente, de ricos e famosos”. (RINCÓN, 2013, p.194). Uma boa ilustração a esta passagem, é o caso do narcotraficante Gerardo Álvarez- Vazquez, conhecido como “EL indio”. Gerardo é um poderoso narcotraficante que fazia as transações do principal cartel mexicano Beltrán Leyva. No entanto, o que mais a mídia enfatizou na época de sua detenção, foi o fato de que “El índio” (que possui fortes traços indígenas) manteve relações sentimentais com a venezuelana ex mis-universo: Alicia Machado, e além disso é pai da filha da modelo. Portanto, partindo dessa perspectiva, podemos dizer que o narcotráfico, superando a política, o esporte, ou até mesmo a música, é um dos principais mecanismos de ascensão social e promotor de uma visibilidade que tornam desejáveis ou admiráveis os “condenados da terra”.

Consequentemente, a “inversão” na forma pela qual proponho aqui, está assentada na ideia de uma relativização entre os valores de dominação e dependência, pressupondo que os monopolizadores e detentores de uma economia gerada pelo tráfico de drogas, são os poderosos *capos* pertencentes à periferia, e em alguns casos, descendentes direto de indígenas, ou seja, homens envernizados na cor marrom poeira; nessa linha de raciocínio Luz Mireya Romero Montaña assinala que:

A economia do narcotráfico problematiza o binarismo centro-periferia fazendo com que os valores de dominação e dependência se relativizem e deem lugar à ambivalência proposta por Homi Bhabha, através do uso instrumental do centro. Ainda que os bens de consumo do centro se resignifiquem em marcas de status, o narcotraficante estadunidense tem um papel subordinado ao capo da periferia, os territórios do centro são explorados como mercados de consumo e como esconderijos de pessoas e capitais. (ROMERO, 2015, p. 210).

Em tal perspectiva, o centro acaba perdendo sua conotação hegemônica com relação à periferia e, de certa forma, esse mecanismo rompe com aspectos econômico e racial e com os padrões impostos pelo Ocidente. Em tese, esse pressuposto inverte principalmente a lógica mesmo do tráfico em sua gênese exploratória dos produtos oriundos da América, os quais, ao serem movimentados

no comércio ilegal, geraram lucros exponenciais resultando no surgimento do que temos hoje por Europa Ocidental.

Neste sentido, para Aníbal Quijano “o controle do tráfico comercial mundial pelos grupos dominantes” foi um meio de se constituir o poder do Ocidente. O autor ainda sustenta que no período colonial esta prática impulsionou um novo processo de urbanização nas regiões do Atlântico, desencadeando na “formação de um mercado regional crescentemente integrado e monetarizado graças ao fluxo de metais preciosos procedentes da América.” Assim, constituía-se a Europa Ocidental concebida, através da força econômica do tráfico que também partia da América. Consequentemente, “essa nova id-entidade geocultural emergia como a sede central de controle do mercado mundial”. Quijano ainda afirma, que no mesmo “movimento histórico produzia-se também o deslocamento de hegemonia da costa do Mediterrâneo e da costa ibérica para as do Atlântico Norte-ocidental” (QUIJANO, 2007, p.109). No contexto atual, Romero propõe um movimento similar ao “deslocamento hegemônico” que aponta Quijano. Entretanto, assume uma perspectiva – agora voltado a práticas ilícitas promovidas pelo tráfico de drogas – a qual Romero denomina como “desterritorialização da periferia”. Esse novo movimento, todavia, nos dá uma ideia de que o narcotráfico se posicionou a partir da periferia de um processo hegemônico colonial; adquirindo em sua trajetória, forças suficientes para *inverter* alguns valores pré-estabelecidos pelo Ocidente.

Para ilustrar seu conceito, Romero lança mão da novela *Trabajos del reino* e sugere que a obra “alegoriza a desterritorialização dos habitantes da periferia que enxergam no narcotráfico uma economia de ascensão e privilégio que os visibiliza socialmente” (ROMERO, 2015, p. 208). O pesquisador, neste contexto, ainda se refere a passagem da novela onde fica explícito o poder que o *Rey* da periferia exerce sobre o seu súdito do centro, um comerciante de drogas estadunidense subordinado ao *capo* da fronteira mexicana. Sendo assim, Romero sustenta que:

[...] estes traficantes estadunidenses trabalham para os grandes *capos*, mas não são os grandes *capos*. Neste ponto, a novela curva-se a um tom nacionalista sobre o consumo e os benefícios deste sobre a periferia que o facilita. O protagonista e cantor de *corridos* vê as operações do tráfico aos Estados Unidos como resultado de uma demanda desse país, a qual acaba beneficiando pessoas como ele [...]. (ROMERO, 2015, p. 217).

Portanto, a economia advinda do tráfico de drogas, ao garantir a ascensão de indivíduos pertencentes à margem – como o cantor da novela de Herrera, por

exemplo – desestabiliza o que fora estabelecido e delimitado entre centro e periferia pelo Ocidente. Sendo assim, os valores hegemônicos são postos em xeque por essa via oportuna que emerge e consolida-se às margens do sistema mundial colonial/moderno. Tal mecanismo ao interferir nos preceitos impostos pela *colonialidade do poder*, possibilita novas perspectivas àqueles que habitam a fronteira. É pertinente acrescentar, todavia, que a ascensão social através da criminalidade tem a ver com as necessidades da sociedade atual, onde o estético tonar-se uma ética e desbanca valores intelectuais. Portanto sobressai ao pensamento tradicional os bens de consumo, os corpos esculturais, a ostentação material. Enfim, elementos que são cultuados no âmbito do narcotráfico.

Por fim, concluo que o produto mais caro ao Ocidente: o pensamento ou a razão, que atravessou séculos como um bem inato a humanidade, porém exclusivo ao indivíduo do sexo masculino, branco e ocidental, abala-se por novos valores. O imediatismo ao qual anseia nossa sociedade, não comporta a forma moderna de se produzir epistemologias. No contexto ao qual vivemos não há espaço para algo que perdure ao longo de séculos, como por exemplo, a obra de Shakespeare, ou em outras palavras, um pensamento duradouro e “universal”. De certo modo, os corpos (não no sentido do “universalismo concreto” da forma em que abordei acima, na esteira de Césaire, mas no sentido objetivo da palavra), ainda que sob a perspectiva do efêmero ou do descartável; tomam impulso e ultrapassam o instrumento de afirmação hegemônico-ocidental, a razão. Portanto, partindo da premissa de que o narcotráfico exija de seus integrantes uma vida datada a curto prazo, talvez este fenômeno, latino-americano por excelência, sintetize de forma mais adequada o que temos como um novo paradigma da humanidade.

73

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista estudos feministas*. Tradução Édna de Marco. 2000. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em 22/abr/2018.

ARFUCH, Leonor. Auto/biografia como (Mal de arquivo). IN: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2009. p. 370-382.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Jacques Derrida; tradução, Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GROSFUGUEL, Ramón. *El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

HERRERA, Yuri. *Trabajos del reino*. España. Editorial Periférica, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *La revolución teórica del Zapatismo: Sus consecuencias históricas, éticas y políticas*. Orbis Tertius, 1997 2(5). ISSN 1851-7811. Disponível em: [www.orbistertius.unlp.edu.ar/article/download/.../3990/](http://www.orbistertius.unlp.edu.ar/article/download/.../3990/). Acesso em 23/10/2017.

NOLASCO, Edgar Cezar. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

OLIVERA, Ramón Gerónimo. *Sólo las cruces quedaron: Literatura y narcotráfico*. Tesis Doutoral 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/6991581/Solo\\_las\\_cruces\\_quedaron.\\_Literatura\\_y\\_narcoctr%C3%A1fico](https://www.academia.edu/6991581/Solo_las_cruces_quedaron._Literatura_y_narcoctr%C3%A1fico)[https://www.academia.edu/6991581/Solo\\_las\\_cruces\\_quedaron.\\_Literatura\\_y\\_narcoctr%C3%A1fico](https://www.academia.edu/6991581/Solo_las_cruces_quedaron._Literatura_y_narcoctr%C3%A1fico). Acesso em 10 de julho de 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder. Perspectivas latinoamericanas. IN: Edgardo Lander (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Coleccin Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autnoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>. Acesso em 20/10/2017.

RINCÓN, Omar. *Todos temos um pouco do tráfico dentro de nós: um ensaio sobre o narcotráfico/cultura/novela como modo de entrada para a modernidade*. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013 - São Paulo - Brasil – OMAR Rincón p. 193-219. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/download/69414/71990>. Acesso em 15/07/2017.

ROMERO, Luz Mireya Montaña. Gubernamentalidad y Construcción De Sentidos de ciudadanía y criminalidade en la narcoliteratura. Tesis Doutoral 2015. Disponível em: [https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/19721/RomeroMontano\\_oregon\\_0171A\\_11465.pdf?sequence=1](https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/19721/RomeroMontano_oregon_0171A_11465.pdf?sequence=1). Acesso em 15 de março de 2017.

Artigo Recebido em: 01 de novembro de 2018

Artigo Aprovado em: 26 de dezembro de 2018.